

FH prevê juros de 10% a 12% no ano

■ Presidente mostra otimismo para alemães e prevê que inflação ficará em um dígito

FABIANO LANA
Enviado especial

COLÔNIA, ALEMANHA – Com muito otimismo, o presidente Fernando Henrique Cardoso tentou ontem, segundo dia de visita à Alemanha, convencer os empresários a investir no Brasil. Diante de uma platéia de industriais, Fernando Henrique previu taxas de juros reais entre 10% e 12% até o final do ano, inflação de um dígito, manutenção do PIB de 1998, Banco Central independente e continuidade do programa de privatização.

“A queda de juros do mercado é maior do que o governo está fazendo. Esperamos alcançar níveis entre 10% e 12% até o fim deste ano”, disse o presidente, em palestra de uma hora na Confederação da Indústria Alemã (BDI), em Colônia.

Dólar – Pouco mais de três meses depois da desvalorização do real, destacou o presidente, o Banco Central está comprando dólares para sustentar o valor da moeda americana. “Podem acreditar”, brincou. “O problema é manter o ponto de equilíbrio”.

Fernando Henrique disse que o Congresso aprovou o ajuste fiscal, mas é preciso avançar nas reformas. E anunciou: “Planejamos proceder medidas em direção ao estabelecimento da independência operacional do Banco Central”.

Falando em inglês, Fernando Henrique agradeceu a ajuda da Alemanha para o Brasil superar a crise financeira. Antes da palestra, ouviu elogios do presidente da BDI, Hans-Olaf Henkel: “Nós admiramos o caminho pelo qual o senhor conduziu a crise”.

“Não gosto de previsões, mas vou fazer. Podemos dizer que o crescimento será zero”, disse Fernando Henrique. Mais tarde, em entrevista, ressaltou que as projeções do FMI indicavam contração de 3,5% a 4% no PIB brasileiro pa-

ra este ano, mas estão sendo revistas para de 2% a 2,5%. Na palestra, lembrou que o FMI trabalhava com um índice de 17% para a inflação anual. “Agora já prevêem um índice de um dígito”.

Proer – Fernando Henrique defendeu o Proer, mas reconheceu que foi difícil convencer a população da necessidade de injetar dinheiro em bancos quebrados. “O Proer foi para salvar a saúde do sistema financeiro e não a riqueza dos donos”, afirmou. Na entrevista, Fernando Henrique pediu que a CPI dos Bancos, criada no Senado, não transforme o Proer em uma ação “suspeita”.

“O Proer hoje é gabado no mundo todo como um instrumento de defesa do sistema financeiro. Não vejo nada de errado no Proer. Pelo contrário, se quiserem mais esclarecimento sempre é bom dar. Acho que não convém é transformar um assunto dessa magnitude em alguma coisa, aspas, suspeita”, disse.

O presidente não quis comentar os desdobramentos do caso do Banco Marka. “Não quero avançar em matéria que desconheço”, afirmou.

Fernando Henrique pediu, também, que não se confunda a reforma tributária com o ajuste fiscal. “O ajuste fiscal tem a ver com o equilíbrio das contas públicas e temos programa de três anos para o ajustamento dessas contas”, disse, enquanto a reforma tributária “é de alcance estrutural, tem a ver com a facilidade de investimentos, a dinamização da produção”. Fernando Henrique declarou que fazia a distinção para que “não se use o fato de se ter ou não votado a reforma fiscal como um pretexto para manobra mercado”.

No final da palestra, ao responder perguntas de empresários, Fernando Henrique negou que vá dolarizar a economia brasileira. “Se dolarizarmos, perdemos espaço de manobra”, disse. O presidente jantou com o empresário Hans-Olaf Henkel no castelo de Lerbach.

Bonn, Alemanha – AP



Acompanhado de Schröder, Fernando Henrique recebeu honras militares de uma tropa de marinheiros